

HISTÓRIA DA BATATA DA NAVE

A cultura da batata como meio de subsistência no planalto da Nave, remonta pelo menos aos primórdios do século XX.

Na década de cinquenta, instalaram-se nas terras férteis do “Furenho”, uma sociedade de produtores transmontanos, bem experimentados na cultura deste tubérculo, que trouxeram novas técnicas, novos processos, recorrendo a muita mão de obra de Alvite. Volvidos alguns anos, com conhecimentos adquiridos nesta empresa, um ou outro alvitano começaram a aventurar-se na sua própria exploração, intensificando a produção, deixando a cultura de subsistência, passando para uma prática, cujo o objectivo era a comercialização. A batata cultivada aqui nas terras frias e altas da Nave, começou a ter bastante procura, sobretudo utilizada para semear noutros locais mais quentes. Nesta altura estas tarefas agrícolas eram executadas com a ajuda de juntas de vacas. A partir da segunda metade da década de sessenta começaram a aparecer os primeiros tractores. Nos anos setenta, foi criada em Alvite uma cooperativa de produtores de batata de semente. Mais tarde, esta cooperativa viria a encerrar devido á falta de rentabilidade, o escoamento da batata tornou-se difícil. Então os agricultores alvitanos foram obrigados a mudar de sector, dedicando-se de forma intensiva á criação de bovinos e produção de leite. Os campos de batata foram substituídos pelo milho híbrido para alimentar o gado.

Antigamente era assim...

1 – Ceifada a erva ou “ferrem” com gadanhas, ficava no terreno a secar, para depois ser acarretada no carro de vacas e arrumada nos “palheiros”, que serviria para alimentar os bovinos no tempo rigoroso de Inverno. Então, procedia-se á estrumação do terreno. O estrume era retirado das lojas onde se acolhiam os animais que ficavam no rés do chão das habitações. Era a altura de **LAVRAR** com o

arado puxado pelas vacas junguidas, uma tarefa normalmente a cargo do chefe da família, ou por impossibilidade deste, do filho mais velho, que ia sendo preparado para lavrar. O mais novo andava á frente das vacas, para que elas não saíssem do trilho. Para reduzir o esforço dos bravos animais e para que a terra ficasse mais desfeita, “pelava-se” ou seja, cortava-se o restolho onde passaria o arado com enxadas e colocava-se no rego.

2 – A terra estava pronta para **SEMEAR A BATATA**. Os homens com enxadas iam abrindo sucessivamente os regos. Por trás, as mulheres vinham com sestas cheias de batatas, colocavam as mesmas no rego sempre á mesma distância, que seriam cobertas com a terra de abertura do rego seguinte.

3 - As batatas iam crescendo. Havia necessidade de fazer o **SACHO**, ou seja, remexer a terra e cortar as ervas daninhas para as batateiras terem um melhor desenvolvimento. O sacho, era feito com “sacholas”, a maior parte das vezes por mulheres.

4 - As batatas continuavam a crescer. O calor apertava. Era tempo de **REGA**. Havia locais em que se recorria a uma poça, água reservada para esse efeito, ou então ao rio. Mais tarde, apareceram os motores a petróleo e começaram-se a abrir mais poços. A rega era feita ao rego, com sacholas. Quando vinham umas chuvadas pelo verão fora era uma bênção de Deus.

5 – Também nesta fase, aparecia a peste do “escarbelho” a roer as folhas das batateiras. Procedia-se então á **PULVERIZAÇÃO**. Matar os “escarbelhos”, tarefa essencialmente a cargo dos homens que carregavam o pulverizador manual. Por outro lado, as mulheres ajudavam nesta labuta, com baldes, também iam espalhando o veneno pelas batateiras, utilizando uma vassoura ali mesmo improvisada, feita de ramos de giesta ou outras árvores.

6 – Passados cerca de três meses, a partir da meada de Agosto as batatas estavam criadas, prontas a saírem da terra. Chegava a **ARRANCA**. Os maiores produtores juntavam um numeroso grupo de pessoas. Eram homens “rogados” da terra, terras vizinhas, ou familiares que que ajudavam. Dada a grande quantidade de área semeada, a “arranca” destes produtores durava duas ou três semanas. Á frente no “corte”, os homens com as enxadas revolviam a terra em busca das batatas, que atiravam para trás, onde vinha o rancho de mulheres a apanharem as ditas batatas, devidamente separadas consoante a categoria.

7 – As horas não contavam, o dia de trabalho era medido, desde o amanhecer até ao anoitecer. Neste árduo trabalho, ansiava-se pela hora da **COMIDA**, para satisfazer o estômago faminto, ou descansar um pouco o corpo. Olhava-se para o caminho a ver se as mulheres dos cestos de comida á cabeça, já se avistavam. A hora de almoço era (antigamente o jantar), a refeição mais prolongada. Batatas assadas ali ao lado nos “terrões” secos tirados dos “talhadoiros” dos lameiros bravos de “barba de bode”, era uma prática comum. Na mesa, ali postada no chão, á sombra dum carvalho, dum amieiro, ou outra árvore consoante o lugar do terreno, a acompanhar as batatas assadas, ou também batatas cozidas nos potes ali no local, a broa de centeio e milho, cozida no forno comunitário, a carne guisada nos potes, o bacalhau “dessado” com azeite, cebola, azeitonas e pimentos . O vinho, esse era servido em pequenos pipos de madeira e cabaças. A meio da manhã ou á merenda, não faltava o queijo seco caseiro feito do leite das vacas, o salpicão, o presunto , a chouriça, os ovos fritos com salpicão da barbela, ou a sardinha “albardada”.

8 - Depois das sacas de batatas carregadas nos carros de vacas, mais tarde nos tractores, eram levadas para o “**SILIO**”, que ficava normalmente no terreno mais perto de casa. As batatas eram despejadas na terra em monte de forma triangular. De lado, levavam palha de centeio, que depois seria tudo coberto com terra batida com enxadas, para ficar mais assente. De forma transversal os “Silios” levavam também uns respiradores redondos feitos de palha. No tempo da

cooperativa em actividade, havia “silios” com 40 , 50 metros de comprimento. As batatas ali permaneciam durante alguns meses, até que chegasse o tempo de maior procura, para serem vendidas a um preço mais rentável.

9 - Nestes trabalhos da “arranca”, normalmente o patrão tentava puxar pelos trabalhadores, incentivando-os a trabalharem mais, para que no dia 7 de Setembro estivesse tudo pronto e assim irem passar a noitada nas “rusgas” da **FESTA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS**, em Lamego.

10- Paralelamente a estas tarefas agrícolas, os homens ainda arranjavam tempo para irem para a **TABERNA**, conviver com os conterrâneos, bebendo uns copos, ou jogando ás cartas. As mulheres iam **LAVAR A ROUPA**, ao rio, muitas vezes local de encontros e desencontros amorosos de namorados.